A Escola de Jornalismo: uma análise dos projetos pedagógicos do curso da UFSC

Maurício Frighetto [1]

Resumo: Parte-se do pressuposto de que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, aprovadas em 2013, representam uma conquista de autonomia para o ensino de Jornalismo no Brasil. A opção por uma formação específica, como determina a norma, foi feita pelo Curso de Jornalismo da UFSC a partir do fim dos anos 1980. O objetivo do artigo é analisar a relação dos dois projetos pedagógicos e das três reformas curriculares do curso da UFSC com os currículos mínimos e com as diretrizes curriculares. A metodologia ancora-se na análise de documentos e na revisão bibliográfica. A ideia de "conflito das faculdades", de Immanuel Kant, e o conceito de campo, de Pierre Bourdieu, são os principais referenciais teóricos do trabalho.

Palavras-chave: Currículo; Projeto Pedagógico; Diretrizes Curriculares; Ensino de Jornalismo; Campo Acadêmico.

1. Introdução

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013), aprovadas em 2013, marcam uma mudança no ensino de Jornalismo no Brasil. Os cursos de Jornalismo deixam de seguir as Diretrizes Curriculares para a Comunicação Social, em vigor desde 2001, e de ter um perfil comum com disciplinas como Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. A análise da história do campo acadêmico da área aponta para a profundidade desta

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde também concluiu a graduação em 2007. Pesquisa a pedagogia do Jornalismo. Foi repórter dos jornais A Notícia, Diário Catarinense e Notícias do Dia.

alteração: ela marca uma ruptura com o Currículo Mínimo[2] de 1969, que, em um contexto de Guerra Fria e de Ditadura Militar, transformou os então cursos de Jornalismo em cursos de Comunicação Social (MEDITSCH, 2012).

A defesa da formação específica, como apontam as novas diretrizes, faz parte da trajetória do Curso de Jornalismo da UFSC. O primeiro projeto pedagógico, marcado por uma forte militância política junto aos movimentos de esquerda, tinha como objetivo a democratização da comunicação por meio da formação de um jornalista que pudesse ajudar a criar um mercado alternativo de mídia. O segundo, após o esgotamento da proposta anterior, voltou-se para a formação de um jornalista capaz de atuar com espírito crítico no mercado de trabalho. No plano teórico, apostou na Teoria do Jornalismo.

O objetivo é analisar a relação dos dois projetos pedagógicos e das três reformas curriculares do Curso de Jornalismo da UFSC com os currículos mínimos e com as diretrizes curriculares. Em uma perspectiva mais ampla, a ideia é que, em um momento em que os cursos brasileiros estão alterando seus projetos pedagógicos e suas grades curriculares, a história de um curso que apostou na formação específica possa ajudar a pensar o presente e o futuro da área.

Utiliza-se como metodologia a análise de documentos (MOREIRA, 2006) e a revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos que usaram o Curso de Jornalismo da UFSC como objeto de estudo. A ideia de "conflito das faculdades", elaborada por Immanuel Kant e reinterpretada por Pierre Bourdieu, assim como o conceito de campo do sociólogo francês, sobretudo campo acadêmico, são os principais referenciais teóricos do artigo. As pesquisas de Eduardo Meditsch (2012 e 2014) ajudam a refletir sobre a pedagogia do Jornalismo.

Inicia-se o artigo pela discussão do percurso histórico da pedagogia do jornalismo no campo acadêmico com foco nos currículos mínimos e nas diretrizes curriculares. Em seguida, relaciona-se cada um dos projetos pedagógicos do Curso de Jornalismo da UFSC e as reformas curriculares realizadas com os currículos mínimos e com as diretrizes curriculares.

[2] Até 1996 os projetos pedagógicos e as grades curriculares dos cursos de graduação do Brasil eram elaborados a partir dos currículos mínimos. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, eles passaram a ser guiados pelas Diretrizes Curriculares.

2. A luta pela autonomia

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo representam uma conquista de autonomia do campo acadêmico do Jornalismo em relação ao campo acadêmico da Comunicação. Foram aprovadas em um contexto em que as disciplinas de Cinema e Relações Públicas também criaram normas específicas para seus cursos (MEDITSCH, 2014). Como o objetivo do artigo é analisar os projetos pedagógicos na trajetória do Curso de Jornalismo da UFSC é necessário compreender o processo de autonomização ao longo da história

O campo acadêmico do Jornalismo está estruturado no campo acadêmico, que, conforme Bourdieu (2013, p. 70), é um microcosmo mais ou menos autônomo em relação a outros campos sociais e que "reproduz na sua estrutura o campo do poder". Portanto, é um lugar de dominantes e dominados que estão em disputa pela conservação ou transformação desse espaço. Mas este campo possui uma lógica própria. Ao estudar o sistema universitário francês, o sociólogo verificou o mesmo "conflito das faculdades" apontado por Kant (2008) em 1798.

Kant (2008, p. 29-49) refletiu sobre o conflito entre as Faculdades Superiores (Medicina, Direito e Teologia), responsáveis por formar os práticos; e a Faculdade Inferior (Filosofia, que englobava as ciências exatas, naturais e humanas), responsável pela ciência e pela crítica social. As mudanças nas universidades foram profundas desde aquela época, incluindo um crescente aumento de autonomia e de poder da antiga Faculdade Inferior. Bourdieu (2013, p. 91-94) ao reexaminar a ideia de "conflito das faculdades", concluiu que essa lógica de disputa entre o "polo do poder" ou "polo mundano" e o "polo do saber" ou "polo científico" cinde não só o campo acadêmico como um todo mas cada uma das faculdades e cada uma das disciplinas.

O "conflito das faculdades", portanto, pode ser observado na relação entre Jornalismo e Comunicação. Na graduação[3], verifica-se esta disputa de ideias na

[3] O fortalecimento político-institucional da pesquisa em Jornalismo é importante para entender a autonomia do campo como um todo, como será visto na tomada de posição da SBPJor na discussão sobre as novas diretrizes. No entanto, o foco do artigo é a graduação. Para uma análise do "conflito das faculdades" na pós-graduação ver Meditsch (2014).

elaboração e aprovação das diretrizes curriculares, em 2013, e mesmo na história do instrumento que a antecedeu, os currículos mínimos.

Por estarem estruturados no campo acadêmico, os cursos de Jornalismo, assim como os cursos superiores brasileiros, estão subordinados a certas regras e também podem ser considerados apenas relativamente autônomos em relação ao Estado, responsável por "protocolos de autorização e reconhecimento bem como às determinações do tempo de duração e constituição curricular" (ANTONIOLI, 2014, p. 183).

Historicamente, um dos principais instrumentos desse controle foram os currículos mínimos. O primeiro entrou em vigor em 1962, 13 anos após a criação do primeiro curso de Jornalismo do Brasil, o da Cásper Líbero. Mas o Currículo Mínimo de 1969 marcaria a ruptura no ensino de Jornalismo a partir de uma influência externa de outro campo social, o político. O contexto foi criado em Paris, em 1948, em uma conferência da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Em plena Guerra Fria, a entidade era, naquele momento, dominada pelos Estados Unidos. Foram criados, então, centros de ensino de Jornalismo ao redor do mundo. Na América Latina o papel foi exercido pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (Ciespal).

O Currículo Mínimo de 1969, elaborado por Celso Kelly, treinado no Ciespal, transformou os cursos de Jornalismo em cursos de Comunicação Social. Criou-se uma nova profissão, a do "comunicador social", também chamado de "jornalista polivalente". Esse profissional poderia atuar em todos os meios de comunicação, como rádio, televisão, imprensa e cinema, a ainda faria investigação científica e poderia trabalhar com Relações Públicas e Publicidade (MEDITSCH, 2012, p. 54).

A proposta, segundo MEDITSCH (2012, p. 57), tinha uma submissão completa ao modelo do Ciespal. Mesmo assim foi mantida no Brasil, ao lado da habilitação polivalente, as habilitações Jornalismo, Editoração, Relações Públicas e Propaganda. Os currículos dos cursos de Comunicação Social passaram então a ser divididos em um ciclo básico (tronco comum), comum a todas habilitações, e um ciclo específico, com as matérias de cada atividade profissional.

> (...) a teoria pensada para a formação deste profissional idealizado (comunicador polivalente) ocupou os currículos no chamado "tronco comum", enquanto as "partes específicas" eram preenchidas com disciplinas técnicas, voltadas às profissões existentes, sem maior conteúdo teórico ou ligação com aquele tronco comum. A dicotomia entre teoria e prática, se já existia antes nos antigos Cursos de Jornalismo, ficou mais difícil de reverter nos novos Cursos de Comunicação (MEDITSCH, 2012, p.150).

A partir do Currículo Mínimo de 1978 ocorre uma mudança no campo político. A Unesco e o Ciespal começam a criar um pensamento de independência em relação aos Estados Unidos e se aproximam da social democracia europeia. Segundo Meditsch (2012, p. 58), o objetivo da norma era iniciar uma fase "crítico-reflexiva" no ensino de Comunicação. O processo, por ter sido mal conduzido, gerou um descontentamento generalizado e fez com que o Conselho Federal de Educação (CFE) tornasse optativa sua adoção. Do ponto de vista do currículo, uma das mudanças foi a inclusão do projeto experimental, que deveria ser realizado no último semestre do curso e com laboratório disponível pela escola (ANTONIOLI, 2014, p. 184).

Meditsch (2012, p. 61) considera burocrático o Currículo Mínimo de 1984, que substitui, mas manteve muitas características das normas anteriores. Porém, aponta que a ideia de reabilitar a prática do ensino e as exigências de equipamentos e laboratórios abriam uma perspectiva para o ensino de jornalismo. Outra novidade foi a possibilidade de os cursos poderem intercalar as disciplinas do tronco comum e específico, mas à medida não era obrigatória (ANTONIOLI, 2014, p. 185).

Mas foi só a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais de Comunicação Social, aprovadas em 2001 - possível graças à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que os cursos de Comunicação começaram a ter mais liberdade e autonomia. A partir de então as "instituições de ensino passaram a contar apensas com orientações para a composição das estruturas curriculares dos seus cursos" (ANTONIONI, 2014, p. 185).

Mas o campo acadêmico do Jornalismo ainda lutava por mais autonomia para os cursos de graduação. Antes mesmo das diretrizes de 2001, essa opção ficou clara no seminário realizado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1999, organizado e co-promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Fórum de Professores de Jornalismo (FNPJ), Observatório da Imprensa e grupo de trabalho de

Jornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). "No seminário de Campinas, foi reconhecida como válida e legítima a possibilidade de existência de cursos superiores de Jornalismo, sem a necessidade de serem constituídos como uma habilitação do curso de Comunicação Social" (ANTONIOLI, 2014, p.186).

O passo decisivo por esta autonomia, no entanto, é dado em 2009. A primeira versão das novas diretrizes curriculares foi elaborada por uma Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (MEC). Em seguida, a proposta passou a ser analisada por uma Comissão da Câmara Nacional de Educação (CNE), que constatou uma polarização de pontos de vista sobre o tema. É possível notar o "conflito das faculdades" nas tomadas de posição.

A FENAJ, o FNPJ e a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) se mostraram a favor das Novas Diretrizes. As críticas foram feitas pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e pela Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS). O parecer elaborado na Câmara Nacional de Educação resumiu as divergências em torno do modelo de ensino.

> Para alguns, a ênfase em teorias gerais da comunicação seria positiva para a formação do jornalista. Ela proporcionaria aos futuros profissionais a necessária capacidade de "olhar mais amplamente a sociedade", evitando-se assim uma formação estritamente "tecnicista". Por outro lado, os que defendem o modelo de bacharelado específico para jornalismo alegam que o atual modelo, ou seja, generalista, reduz demasiadamente o espaço para discussões fundamentais à atividade do jornalismo em troca de discussões de natureza mais abstratas sobre comunicação e papel da mídia (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013b, p. 3).

O parecer considerou a proposta da Comissão de Especialistas "bastante flexível" (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013b, p. 4), optou pelo modelo específico de bacharelado em Jornalismo. A partir das novas diretrizes, os cursos de Jornalismo brasileiros estão reformulando seus projetos pedagógicos e suas grades curriculares. O resultado da norma, no entanto, está em aberto e só poderá ser verificado a médio e longo prazo. Mas é possível observar na história como ocorreu a relação entre currículos mínimos, projetos pedagógicos e grades curriculares. O Curso de Jornalismo

da UFSC, por ter uma trajetória de luta pela formação específica, pode ser considerado um objeto de estudo importante.

1. O primeiro projeto pedagógico

O Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo da UFSC começou a funcionar em oito de março de 1979. Um grupo de jornalistas liderou o projeto, apoiado pela Casa do Jornalista - uma agremiação que englobava o Sindicato dos Jornalistas e Radialistas e a Associação dos Cronistas Esportivos (PEREIRA, 2012). Um ano após o início das atividades, o projeto pedagógico original começava a ser subvertido.

O projeto pedagógico e a grade curricular foram elaborados com base no Currículo Mínimo de 1978, que, como apontado anteriormente, tornou-se opcional devido ao descontentamento generalizado. Na UFSC, a crítica à norma fica evidente no texto[4] "Análise crítica do Curso de Jornalismo da UFSC: Perspectivas e sugestões", elaborado no início de 1980 pelo coordenador do curso Daniel Herz. Esse professor, junto com Maria Elena Saraiva, são considerados (MEDITSCH, 1990, p. 89) "os arquitetos do projeto que se desenvolverá a partir de então".

O documento aponta que o "currículo mínimo reflete, na desarticulação das matérias teóricas, uma visão desatenta da comunicação como objeto de interesse científico". O professor sugere uma "profunda reflexão teórica pelos professores do curso, de modo que haja uma opção coletiva pela linha de investigação a ser seguida". Esta opção, na visão de Herz, daria um "status de escola para o curso". Passa a propor, então, uma série de mudanças, como o reordenamento das disciplinas entre as fases e a diminuição ou o aumento de créditos para algumas matérias.

Uma das ideias sugeridas por Herz era de que, semestralmente, professores, alunos e trabalhadores participassem de um seminário de avaliação acadêmica. Os encontros se tornariam semanais e, em março de 1982, o Conselho Paritário ou Conselho de Cogestão Paritária tornou-se a "instância máxima deliberativa" do curso (MEDITSCH, 1990, p. 104). Nas eleições para chefe do departamento, o voto de cada

[4] UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo. Análise crítica do Curso de Jornalismo da UFSC, por Daniel Herz. Florianópolis, 1980.

categoria representava um terço. Mas na disputa pela coordenadoria do curso, a eleição era universal. Ou seja, por serem em maior número, a vontade dos estudantes tenderia a prevalecer.

Outra característica do curso era a forte relação com o campo político, mais precisamente com os movimentos e partidos de esquerda, reflexo da militância contra a Ditadura Militar de parte dos professores. Na UFSC, docentes e alunos mantinham a proximidade, inclusive assessorando partidos e sindicatos. A luta pela democratização das comunicações era uma bandeira a ser seguida. Na análise de Meditsch (1990), a UFSC ressuscitava a ideia do jornalista polivalente, mas agora com um viés teórico de esquerda. Isso ficou claro na reforma curricular que iniciou em 1984 e entrou em vigor em 1985, elaborada a partir do Currículo Mínimo de 1984.

O processo de reforma curricular[5] projetava a formação de um jornalista que atuasse em áreas desatendidas, como em atividades de pesquisa, planejamento, execução e assessoria em projetos de comunicação, atendendo prefeituras, órgãos públicos, cooperativas, sindicatos e empresas privadas. O objetivo, então, era formar "um verdadeiro profissional de comunicação, habilitado para o jornalismo, mas capacitado para assumir as atribuições teóricas e técnicas inerentes ao enfrentamento profissional da amplitude dos problemas da área da comunicação".

Para cumprir o objetivo, o currículo se fundamentou em três eixos: "eixo de formação científica", dividido em "eixo para a fundamentação científica para a abordagem da comunicação" e "eixo de fundamentação científica para a interpretação da realidade humano-social"; "eixo de formação técnico-profissional"; e "eixo de formação política". Este último deveria perpassar cada uma das disciplinas e cada uma das atividades.

A desvinculação entre teoria e prática foi apontada na reforma, como já tinha sido assinalada por Herz. Para sanar o problema, optou-se por distribuir as disciplinas do Tronco Comum ao longo do curso, o que era permitido pelo currículo Mínimo. Também

[5] UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo. Processo número 23080.017649/84-59. Florianópolis, 1984.

foram criadas turmas reduzidas, entre 12 e 15 estudantes, para facilitar o aprendizado das matérias práticas.

Outra inovação no currículo foi a criação do eixo de redação, que seria ministrado da primeira à sétima fase[6]. Nos três primeiros semestres as disciplinas seriam dadas pelo Departamento de Literatura e Línguas Vernáculas (DLLV). A reforma curricular também manteve os projetos experimentais que haviam sido implementados no curso a partir do Currículo Mínimo de 1978 com uma carga mínima de 10%.

O Currículo Mínimo de 1984 foi importante para a conquista de equipamentos. A norma obrigava os cursos a ter uma estrutura mínima, argumento usado por professores e estudantes para reivindicar equipamentos, incluindo protestos com aulas públicas no hall da reitoria. De acordo com Meditsch (1990, p.111), o curso da UFSC foi o primeiro a cumprir integralmente as exigências legais da norma.

4. O segundo projeto pedagógico

O primeiro projeto pedagógico, no entanto, começou a se desgastar. A situação chegou a um ponto em que metade dos professores pediram demissão nos cinco primeiros anos do curso, entre eles Daniel Herz e Maria Elena. A abertura política, de certa forma, acabou com a hegemonia marxista-leninista da primeira fase.

> "O projeto do curso superestimara a sua possibilidade de transformar o mercado de trabalho, e criara a ilusão de que poderia revogar a subordinação de seus alunos a ele com uma nova formação. A prática profissional havia sido relegada a segundo plano pela prática política, e as críticas internas a este processo, que não deixaram de existir, haviam sido rechaçadas como reacionárias e conservadoras" (MEDITSCH, 1990, p. 109).

O rumo que o curso tomaria teve seu ponto de inflexão na eleição para chefe de departamento e coordenador do curso de 1988. De um lado estava a chapa "Só Jornalismo", que defendia uma formação específica e a Teoria do Jornalismo; do outro, a chapa "Opção Comunicação", que apostava em uma formação compartilhada com outras habilitações e na Teoria da Comunicação. Com dois terços dos votos no Conselho Paritário, a opção pela formação específica venceria (MEDITSCH, 1990 e 2002).

[6] O Currículo Mínimo de 1984 obrigava a adoção de língua portuguesa a partir do quarto semestre.

No ano seguinte, administrando o curso, esse grupo de professores lançou o "Projeto Ano 10"[7]. Verifica-se neste documento a guinada no projeto pedagógico. O objetivo era criar uma "verdadeira Escola para a formação de jornalistas" e "superar a reconhecida ineficiência dos cursos de Jornalismo do país em formar profissionais aptos para o mercado de trabalho". Criticava a suposta dicotomia entre espírito crítico e competência técnica. "E de nada vale à sociedade um jornalista crítico sem a capacidade técnica para expressar-se". Outro argumento era de que, ao se voltar para apenas uma habilitação, o curso não teria uma dispersão de recursos, tanto materiais como pedagógicos.

Do ponto de vista teórico, o documento defende o aperfeiçoamento da Teoria do Jornalismo a partir da prática profissional. "Consideramos que uma abstrata "Teoria da Comunicação", como tem sido tratada pelos cursos, desfocada da realidade profissional, não é suficiente". A influência teórica viria do ex-professor do curso Adelmo Genro Filho[8], que em 1988 havia publicado o livro "O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo", e de Nilson Lage[9], com uma série de publicações em defesa da formação específica, e que se tornaria professor do curso em 1992.

> As teorias do jornalismo de Genro Filho e Lage deram aos professores "práticos" do curso um fundamento teórico para explicar a sua paixão por estas práticas, e um argumento para propor a reorientação do curso em função da formação profissional voltada para o mundo real (MEDITSCH, 2002).

É neste contexto que é realizada a segunda reforma curricular, iniciada em 1990 e que entrou em vigor em 1991[10]. O documento descreve a realização de um grande debate para "uma revisão pedagógica do nosso curso", mas sem explicar a revisão. Toda a centralidade dada à formação política deixa de existir.

Uma das conclusões do documento foi de que o jornalismo impresso era priorizado. "Buscando maior equilíbrio, foram criadas novas optativas nas áreas de

[7] O projeto está disponível em MEDITSCH (2002).
[8] Adelmo faleceu em 1988, no mesmo ano que publicou o livro.
[9] O professor Nilson também participou da comissão que elaborou as diretrizes curriculares de 1985
[10] UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo. Processo número 23080.006003/90-67. Florianópolis, 1991.

radiojornalismo e telejornalismo". Além das optativas, na primeira fase foram introduzidas as disciplinas Redação para Rádio e Redação para TV. No entanto, o eixo de Redação para os meios impressos continuou ganhando destaque. A partir desta mudança, as matérias teriam um "enfoque técnico e específico da área jornalística nos cinco primeiros semestres". Só a partir do sexto período elas seriam ministrada pelo DLLV. A disciplina Teoria do Jornalismo começou a ser ministrada na quarta fase.

O currículo é alterado novamente em 1995[11]. Uma das justificativas era de que os "avanços tecnológicos na área da comunicação exigem que os cursos de Jornalismo estejam constantemente revisando seus currículos para não formar profissionais defasados em relação ao mercado e com conhecimentos deficientes". São criadas as disciplinas Editoração Eletrônica, Inglês Instrumental I e II e Comunicação Institucional. E o movimento de colocar as disciplinas técnicas no início do curso, que havia iniciado na reforma de 1985, se acentuou neste currículo.

> A partir daí, ao lado das disciplinas mais específicas que formam o profissional, seriam ministradas também as disciplinas que permitam uma reflexão teórica mais profunda. Esta necessidade de reflexão viria num momento em que o aluno está um pouco mais maduro, mais ambientado com o que deve ser um curso superior[12].

A reforma curricular de 1995 foi a última realizada, mas houve pequenas alterações na grade curricular desde lá. O eixo de Redação passou a ser ministrado apenas pelos professores do Departamento de Jornalismo e é, atualmente, uma das marcas do curso. Além de aprender a apurar, o que pode ser considerado importante para as outras mídias apesar da especificidades delas, os estudantes trabalham com uma grande variedade de formas textuais: além da notícia e da reportagem, praticam estilos como editoriais, jornalismo literários e até crônicas e contos.

Os projetos experimentais, que surgiram no início do curso, mantém sua centralidade. Se, em grande parte dos cursos os estudantes realizam uma monografia, na UFSC os alunos costumam optar por um trabalho jornalístico de nível profissional, como uma grande reportagem em texto, áudio ou vídeo.

[11] UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo. Processo número 23080.007909/95-02. Florianópolis, 1995.
[12] Idem.

Outras duas disciplinas criadas neste período mostram a relação do curso com o mercado de trabalho, incluindo agentes em polos opostos neste campo. Do ponto de vista das entidades profissionais, foi feita a Cátedra FENAJ. A relação com a entidade também pode ser vista na participação de professores e ex-alunos na diretoria do sindicato, além de convênios e trabalhos conjuntos. Do ponto de vista empresarial, criou-se a Cátedra RBS. Por meio de um protocolo, profissionais da empresa davam palestras na UFSC (MEDITSCH, 2002). Ambas as disciplinas não são mais ministradas.

Outra alteração curricular diz respeito à importância que a internet ganhou no Jornalismo. Foram criadas as disciplinas de Redação para Internet e Jornalismo On-line. No entanto, um dos pilares do projeto pedagógico (MEDITSCH, 2002) apareceu no currículo apenas como optativa: o Universidade Aberta (Unaberta), que se tornaria uma Agência Multimídia. O projeto de extensão teve início em 1991 como um programa de rádio realizado no curso da UFSC e divulgado em uma emissora local. Em seguida, foi conquistando novos parceiros e os programas jornalísticos dos estudantes passaram a ser veiculados também em jornais e emissoras de televisão.

A partir de 1996, o projeto criou uma página na internet e, dois anos depois, uma rádio também na internet. Estudantes poderiam participar como alunos matriculados na disciplina optativa ou como bolsistas. O Unaberta fazia a cobertura sistemática do cotidiano da UFSC e dos temas da educação superior. Santos (2007), em sua tese de doutorado, analisou as principais Agências Multimídias das escolas de Jornalismo no Brasil, entre elas o Universidade Aberta. Destacou a prática multimídia. "É o que melhor contempla, na prática, a união entre os meios de comunicação dentro de uma proposta acadêmica, ou seja, permite que o mesmo material produzido possa ser divulgado em sítio, transmitido por rádio e TV, integrando a proposta multimídia (SANTOS, 2007, p.164). O projeto encerrou as atividades em 2006.

Ocorreram outras três tentativas de reforma curricular, mas que não prosperaram. Isso quer dizer que o Curso da UFSC não mudou seu currículo mesmo depois das Diretrizes Curriculares para a Comunicação Social de 2001. Por outro lado, trabalhou para mudar o seu nome. Em 2000, o Curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo tornou-se Curso de Jornalismo. Em 2002, o Departamento de Comunicação tornou-se Departamento de Jornalismo. A proposta de formação específica também

avançou para a pós-graduação, com a criação do mestrado em Jornalismo, em 2007, e doutorado em Jornalismo, em 2014.

5. Considerações finais

É possível inferir, pela história do Curso de Jornalismo da UFSC, uma proximidade com o "polo mundano" ou "polo do poder", como definiu Bourdieu (2013). Essa proximidade pode ser percebida na tentativa de interferir na sociedade, de pensar na função social da universidade. No primeiro projeto, a ideia principal era atuar politicamente, lutar pela democratização da comunicação e criar um mercado alternativo de mídia. No segundo, a opção foi radical em formar um jornalista capaz de atuar com espírito crítico no mercado de trabalho. Esse pode ser considerado um dos motivo porque o currículo tenha ficado cada vez mais técnico.

Mas, segundo Bourdieu (2013, p.83), mesmo as faculdades mais próximas do "polo do saber" e do "polo científico" não estão totalmente isentas da necessidade do mundo social, assim como as faculdades mais próximas do "polo mundano" ou "polo do poder" "nunca estão totalmente livres das exigências específicas de um campo orientado para a produção e reprodução do saber". No Curso de Jornalismo da UFSC esse investimento na ciência foi contra-hegemônico. No primeiro projeto, a teoria era a marxista-leninista; no segundo, a busca pela Teoria do Jornalismo.

Os dois projetos, apesar de terem objetivos pedagógicos diferentes, perseguiram a ideia de criar uma escola. E ambos foram colocados em prática com base na mesma norma, o Currículo Mínimo de 1984. Com base nesta informação, é possível pensar que as novas diretrizes possam representar uma oportunidade para os cursos reverem suas posturas e definirem seus rumos, sejam eles quais forem.

Uma das questões que pode ser elaborada é se os dois projetos seriam compatíveis: seria possível formar um jornalista capaz de criar um mercado alternativo de mídia e de lutar pela democratização das comunicações e, ao mesmo tempo, estar preparado para atuar no mercado tradicional com capacidade técnica e espírito crítico? Ou, por outro lado, haveria dispersão de recursos nesta formação?

A resposta está em aberto, mas a reflexão se faz necessária em um momento de transformações no campo jornalístico, seja por causa da crise do modelo de negócios

(ANDERSON, BELL E. SHIRKY, 2013) ou pelo problema da crescente diminuição da credibilidade dos meios de comunicação (DONSBACH, 2013). Além disso, o avanço das novas tecnologias abre oportunidades importantes para a criação de um mercado de trabalho alternativo.

Outra constatação na análise da trajetória do Curso de Jornalismo da UFSC é de que dois dos pilares dos projetos pedagógicos não tinham uma relação direta com a grade curricular. Foi o caso do Conselho Paritário, em relação ao primeiro projeto, e do Universidade Aberta, em relação ao segundo. Iniciativas como estas, atualizadas ao contexto atual, podem ser importantes para os cursos não ficarem reféns de suas grades curriculares e das transformações que ocorrem no campo do Jornalismo.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. **Jornalismo Pós-Industrial:** adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, p. 30-89.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo:** a formação do jornalista à luz da legislação educacional. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Vol. 4, No 15 (2014). Disponível em: http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/368.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução n° 1, de 27 de setembro de 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1° de outubro de 2013 – Seção 1 – p. 26. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866. Acesso em 09/06/2015.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Parecer número 39, de 2013. **Diário Oficial da União,** Brasília, 12 de setembro de 2013 - Seção 1 -pág 10. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13063&Itemid=. Acesso em 09/06/2015.

DONSBACH, Wolfgang. **Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education.** Journalism, 2013

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do Jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis: Insular. 2012.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo:** o elo perdido no ensino da comunicação. São Paulo, 1990. vi, 177f . Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes

_____. **Elementos para uma história do Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFSC.** Comunicação ao V Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Porto Alegre, 2002.

_____. **Pedagogia do jornalismo que está por vir**: a função social da Universidade e os obstáculos para sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **As diretrizes críticas e a crítica das diretrizes:** o Jornalismo diante do "conflito das faculdades" na área acadêmica de Comunicação. In: 12o. Congresso Brasileiro de Pesquisadores de Jornalismo, 2014, Santa Cruz do Sul. Anais do XII SBPJor. Santa Cruz do SUl: Unisc/SBPJor, 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica.** p 269 - 279. In DUARTE, J.; Barros, A. (orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. São Paulo: Atlas, 2006.

KANT, Immanuel. **O conflito das faculdades**. Tradução de Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Inferior, 2008.

PEREIRA, Moacir. **A comunicação em Santa Catarina.** Ensino, profissão e modernização. Florianópolis: Insular. 2012

PONTES, Felipe Simões. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo no Brasil: uma análise crítica.** 2015. 579 f. tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2015.

SANTOS, Fernando de Maria dos. **Prática e Aprendizado** (a importância da Agência Universitária de Notícias como jornal-laboratório). 2007. 316 f. Tese. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O projeto Universidade Aberta da UFSC: uma experiência pioneira de práxis multimídia no ensino de Jornalismo

Universidade Aberta project from UFSC: a pioneering experience of multimedia praxis in journalism education

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo
REBEJ

EDUARDO MEDITSCH[1]
MAURÍCIO FRIGHETTO[2]

RESUMO

O objetivo do artigo é refletir sobre a experiência do Universidade Aberta (Unaberta) do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto de extensão cobriu de forma sistemática, entre 1991 e 2007, o cotidiano da UFSC e os temas ligados à educação superior. Inspirado na experiência laboratorial da Universidade da Flórida e na concepção de práxis de Paulo Freire, o Unaberta complementava a formação oferecida nas disciplinas do curso. Nos primeiros anos, funcionou com um programa diário de rádio produzido pelos alunos com a orientação de professores e veiculado em emissoras comerciais, expandindo em seguida esta atuação para a televisão e para os jornais impressos. Com o surgimento da internet, criou, em 1997, seus próprios veículos, como o *Unaberta Online*, o primeiro site de notícias com atualização diária da universidade brasileira. Tornou-se, nesta fase, uma Produtora e Agência de Notícias Multimídia. Com metodologia da Nova História Cultural, revisamos a produção bibliográfica sobre o projeto e buscamos na memória de cinco jornalistas, que atuaram como estudantes e profissionais no Universidade Aberta, o significado que atribuem ao projeto para sua formação. Os entrevistados relatam, sobretudo, a importância de ter participado de coberturas multimídias voltadas para um público real, ao mesmo tempo em que eram orientados por professores e jornalistas profissionais, o que propiciava uma produtiva reflexão sobre a prática do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Projeto Universidade Aberta. UFSC. Práxis jornalística. Multimídia.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect about Universidade Aberta (Unaberta), an experience in the Journalism undergraduate program at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). It was on the extension project, between 1991 and 2007, that the daily life at UFSC and issues about higher education was covered systematically. Inspired by the experience laboratory at the University of Florida and the praxis idea of Paulo Freire, Unaberta complemented the education training given in the disciplines of undergraduate program in Journalism. In the first years, it worked as daily radio program produced by students with teachers' orientation and broadcasted on commercial stations; then, this action was expanded to television and newspapers. With the advent of the Internet, the project created, in 1997, its own vehicles of communication, such as the *Unaberta Online*, the first news website with daily updates in the Brazilian universities. It became, at this stage, a multimedia news agency. Using the New Cultural History methodology, we reviewed the bibliographic production at Unaberta and searched in the five journalists's memory, who worked in Unaberta as students and journalists, the meaning they assigned to the project for their education. They report the importance of taking part in multimedia coverage for a real public while they were guided by teachers and professional journalists, which allowed for a productive reflection about the practice of journalism.

KEYWORDS

Journalism education. Universidade Aberta project. UFSC. Journalistic praxis. Multimedia.

Recebido em: 24/09/2015. Aceito em: 02/12/2015.

[1] Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Texas. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor titular do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: emeditsch@uol.com.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9884506958589514.

[2] Mestrando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Jornalismo pela UFSC. E-mail: frighetto@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3358381960052830.

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo passa por um período de mudanças e incertezas que podem ser constatadas por diferentes pontos de vista: a legitimidade dessa forma de conhecimento é colocada em xeque (DONSBACH, 2014); a falência do modelo de negócios que sustentou essa atividade requer novas alternativas (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013); a mutação tecnológica e as mídias digitais criaram uma nova cultura que desafia os meios de comunicação tradicionais (JENKINS, 2009). Neste contexto, é importante uma constante reflexão sobre o ensino de Jornalismo.

O objetivo do artigo é refletir sobre a história de uma experiência. Vamos resgatar a trajetória do Universidade Aberta (Unaberta), um projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que funcionou entre 1991 e 2007. Neste espaço de tempo, o Unaberta, que teve início com a veiculação de programas de rádio em uma emissora local, cresceu e foi ampliado para jornal impresso e televisão até criar um site com atualização em tempo real: o *Unaberta Online*, o primeiro jornal *online* de Santa Catarina e o primeiro site entre as universidades brasileiras com atualização diária. Tornou-se, nesta fase, uma produtora e agência de notícias multimídia, com supervisão de professores e jornalistas profissionais.

Santos (2007) analisou as principais Agências Multimídias das escolas de Jornalismo no Brasil, entre elas o Universidade Aberta. Concluiu que esses espaços de formação, aliados às novas tecnologias, principalmente a internet, têm auxiliado as atividades acadêmicas. E afirmou que contribuem para formar um profissional mais crítico e mais próximo da realidade. Sobre o Unaberta, destacou sua prática multimídia:

> É o que melhor contempla, na prática, a união entre os meios de comunicação dentro de uma proposta acadêmica, ou seja, permite que o mesmo material produzido possa ser divulgado em sítio, transmitido por rádio e TV, integrando a proposta multimídia. (SANTOS, 2007, p. 164).

Nesse estudo, utilizamos metodologia inspirada no paradigma da Nova História Cultural (BURKE, 1992; ROMANCINI, 2007). Essa corrente colocou a cultura e, portanto, também a educação e o jornalismo, como foco principal de

suas análises. Nesta perspectiva, em um primeiro momento revisamos a bibliografia sobre a história do curso de Jornalismo da UFSC (MEDITSCH, 1990, 2002; PEREIRA, 2012) e do Unaberta (BALDESSAR, 2002; MEDITSCH, 2003; ZUCULOTO, 2013; FRIGHETTO; MEDITSCH; ZUCULOTO, 2005; SANTOS, 2007). Em seguida, analisamos os depoimentos de cinco jornalistas que participaram do projeto para entender a importância do Unaberta para a formação profissional deles e as significações que deram à experiência.

2 HISTÓRIA DO CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

O projeto Universidade Aberta torna-se compreensível no contexto da história do curso de Jornalismo da UFSC e de suas opções pedagógicas. Criado em 1979, o curso foi se transformando ao longo dos anos 1980 até romper com o modelo dominante do ensino brasileiro da área, onde o Jornalismo era uma habilitação da Comunicação Social. Neste processo, extinguiu o 'ciclo básico', colocou as matérias práticas desde a primeira fase e se voltou inteiramente para a formação profissional do jornalista (MEDITSCH, 1990, 2002).

O curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo da UFSC foi criado com apoio de jornalistas de Santa Catarina, mas com forte resistência do meio empresarial. Na época, segundo Pereira (2012), apenas Piauí, Sergipe e Alagoas, além de Santa Catarina, não contavam com uma formação superior voltada para a área. A sua primeira fase, liderada, principalmente, por Daniel Herz,[3] foi marcada por uma forte militância política junto aos partidos e movimentos de esquerda na resistência à ditadura militar.

Internamente, essa visão democrática era refletida no Conselho Paritário, uma instância administrativa informal onde professores, alunos e servidores participavam de forma conjunta das decisões sobre o curso, em uma experiência inspirada no Maio de 1968 e inédita nas universidades brasileiras. Em 1982, o jornal alternativo *Coojornal*, de Porto Alegre, enviou um repórter a Santa Catarina que descreveu a UFSC como uma "faculdade alternativa". Do

[3] Daniel Herz escreveu o livro *A história secreta da Rede Globo*. Também foi um dos fundadores do Fórum Nacional pela Democratização das Comunicações (FNDC) e mentor e defensor da Lei da Cabodifusão.

ponto de vista pedagógico, o principal objetivo do curso era formar um profissional que atuasse em todas as áreas da comunicação e criar um mercado alternativo de mídia.

Este projeto começou a se esgotar, seja devido à saída de vários professores que o sustentavam, como Daniel Herz, seja por suas contradições internas, pois pressupunha a militância política como principal objetivo do curso, o que não era consensual entre professores e alunos. Com o esgotamento do primeiro projeto, reforçado pela redemocratização do país, começou a ganhar força internamente no fim dos anos 1980, início dos anos 1990, a opção por um curso voltado para a profissão e que rompia com o modelo de comunicação adotado no país.

Numa reforma curricular realizada neste período, foi abandonada a distinção entre 'tronco comum', que era voltado a todas as habilitações da comunicação e ministrado nos primeiros anos do curso, e ' tronco específico'. As disciplinas práticas passaram a fazer parte da grade curricular desde as primeiras fases e o objetivo era "reproduzir nestas aulas as condições reais da produção jornalística." (MEDITSCH, 2002, p. 7).

Do ponto de vista teórico, a proposta era ancorada no pensamento de Adelmo Genro Filho, que escreveu o livro *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo* quando era professor do curso, e de Nilson Lage, que tinha uma série de publicações sobre o Jornalismo e que se tornaria professor da UFSC.

> As teorias do Jornalismo de Genro Filho e Lage deram aos professores práticos do curso um fundamento teórico para explicar sua paixão por estas práticas, e um argumento para propor a reorientação do curso em função da formação profissional voltada para o mundo real. (MEDITSCH, 2002, p. 9).

A inspiração também viria da concepção de práxis de Paulo Freire, que reforçaria as ideias de Genro Filho e Lage. Segundo Meditsch (2003, p. 247), o educador brasileiro defendia, na educação, a formação de um "profissional completo, para atuar em condições concretas, cujos espaços para atuação política seriam gerados por sua consciência crítica, mas somente se acompanhada de competência técnica."

Como o objetivo era reproduzir as condições reais do jornalismo dentro da universidade, era preciso dar os passos neste sentido. E é neste contexto que começa a surgir o projeto Universidade Aberta. Uma das inspirações mais importantes foi a experiência da Universidade da Flórida, nos Estados Unidos. Em um encontro internacional de jornalismo, realizado pela IBM, professores da UFSC conheceram a iniciativa daquele curso, que funcionava em torno de um jornal comunitário, de uma emissora de TV educativa e de três rádios, sendo uma delas comercial. Os órgãos de comunicação eram ligados à faculdade e geridos por ela. E a produção do jornalismo era feita pelos alunos.

3 DO ROLO DE FITA ÀS MÍDIAS DIGITAIS

Uma dificuldade pode ser considerada o estopim para o surgimento do projeto de extensão. A UFSC tentava, sem sucesso, obter uma licença para colocar no ar uma rádio universitária. Como não foi possível, os professores do curso de Jornalismo ligados ao laboratório de rádio pensaram em outra alternativa: fazer parcerias com emissoras locais para veicular a produção realizada pelos alunos. E, em 1991, teve início o Universidade Aberta, o primeiro radiojornal diário produzido por um curso de Jornalismo no Brasil. Nos seus 17 anos de existência, o Unaberta foi ampliado para a televisão e para o jornalismo impresso e passou a fazer campanhas institucionais, cujos recursos eram reinvestidos no projeto. Ainda criou duas mídias digitais, o *Unaberta Online* e a Rádio Ponto UFSC, transformando-se em uma produtora e agência de notícias multimídia.

Nos primeiros anos, a linha editorial começou a ser definida: eram os assuntos relacionados à UFSC e à educação superior que poderiam interessar à comunidade universitária e à população local: serviços sobre o Hospital Universitário (HU), cobranças junto à Reitoria, como de obras inacabadas, cobertura de palestras, eventos e pesquisas realizadas na UFSC, segurança no campus e nos arredores e acompanhamento de greves e eleições. Havia também uma cobertura nacional sobre educação superior, seja por meio de reportagens especiais realizadas pelos estudantes-repórteres, seja por clipagens feitas nos grandes jornais do país e nos principais sites ligados ao tema.

Do ponto de vista tecnológico, o mundo digital ainda parecia muito

distante no início do projeto em 1991. A produção das reportagens era realizada no laboratório de rádio do curso e, depois, os estudantes-jornalistas se revezavam para levar de ônibus os rolos de fita com os programas gravados até a emissora que os veiculava, a *Rádio União FM* de Florianópolis.

Aos poucos, o projeto foi crescendo e ganhando credibilidade. Primeiro, em 1996, passou a fazer o *Universidade Aberta na TV*, na emissora educativa de Florianópolis. No mesmo ano, atingiu a mídia impressa, com páginas quinzenais publicadas nos dois principais jornais de Florianópolis, o *AN Capital* e *O Estado*. Em 1997, deu um passo às mídias digitais, com a criação do *Unaberta Online*, o primeiro jornal online do estado e o primeiro com atualização diária entre as universidades brasileiras. Dois anos depois, foi criada a Rádio Ponto UFSC, também como mídia digital. Em 1998, o Universidade Aberta foi considerado o melhor trabalho laboratorial do país na área de jornalismo e ficou com o Grand Prix da Expocom. Na sua história, levaria outros três prêmios na Expocom.

Apesar do prestígio conquistado junto à Reitoria, a sindicatos, a professores, a trabalhadores, a alunos e à comunidade externa, o projeto enfrentou problemas em 1999, que atrasou em três meses o seu reinício. Nesta época, o Unaberta já fazia comunicação institucional para órgãos públicos e privados, cujos recursos eram reinvestidos no projeto. Mas a crise econômica nacional afastou muitos parceiros. Os professores também pediam a contratação de jornalistas porque estavam sobrecarregados com uma dupla jornada: comandavam uma redação que produzia em ritmo profissional paralelamente a suas atividades acadêmicas.

Mas as parcerias começaram a ser refeitas. O laboratório de rádio, por exemplo, foi recontratado pela Eletrosul, subsidiária da Eletrobras. Os estudantes, supervisionados por uma professora, realizavam um programa institucional semanal, veiculado por 25 emissoras do interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em troca, o laboratório de rádio foi informatizado com recursos deste contrato.

Outra parceria importante para o projeto ocorreria dentro da UFSC, com a realização de toda a campanha institucional do vestibular da instituição. Os estudantes, supervisionados por professores, definiam o tema da campanha publicitária, produziam *folders*, anúncios para as diferentes mídias, revista

institucional, guia do candidato e faziam assessoria de imprensa. Para a universidade, o valor investido no projeto era menor do que o gasto anteriormente com uma empresa privada que prestava o serviço. E o Unaberta tinha mais uma fonte de financiamento importante, podendo, inclusive, contratar jornalistas. Na época, o Ministério da Educação (MEC) citou a parceria como um exemplo a todas as universidades federais de como reduzir custos do vestibular com eficiência.

Se no início as mídias digitais pareciam estar em um futuro distante, logo elas mostrariam a sua centralidade. O *Unaberta Online* se tornou o carro-chefe do projeto. Agora o curso não dependia mais de uma emissora externa para veicular sua produção jornalística (as parcerias, embora se mantivessem, sempre foram instáveis, com o programa de rádio pulando de uma emissora para outra e os espaços em TV e jornal sendo eventualmente perdidos). A força pode ser vista nos números. Em 2003, o site registrou seu primeiro milhão de acessos de usuários únicos. No ano seguinte, já eram dois milhões. Grande parte da credibilidade e da audiência do site foi conquistada com uma cobertura jornalística, a da greve nacional das universidades federais de 1998.

Paralisação dos professores e trabalhadores nas universidades federais não era uma novidade para os estudantes. Mas, naquele momento, em uma das greves mais longas, com 103 dias de duração,[4] os alunos tinham um veículo de comunicação novo. A cobertura dos acontecimentos era feita na UFSC e, por telefone e internet, nas outras universidades. Alunos-repórteres foram até enviados para Brasília, onde aconteciam as negociações, uma prática que se tornaria comum em outras paralisações. Viajavam de ônibus desde Florianópolis, hospedavam-se em casas de parentes ou conhecidos e conseguiam ser credenciados como repórteres no MEC, nos sindicatos nacionais e no Congresso. O *site* chegou a ter uma média de 2.500 acessos por dia neste período e começou a conquistar uma audiência nacional, já que nenhuma outra mídia do país cobria a greve diariamente ouvindo os diversos lados da questão.

Condições externas e internas fizeram o projeto acabar. Externamente, a

[4] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u6404.shtml>. Acesso em: 14 set. 2015.

UFSC passou a fazer um Plano Estratégico de Comunicação junto a sua Agência de Comunicação (Agecom) e o curso de Jornalismo foi excluído da comunicação do vestibular, perdendo bolsas de extensão dos professores e funcionários, além de verbas de serviços e de material. Internamente, seus últimos coordenadores estavam assumindo outros desafios.[5] Outros docentes não se interessaram em continuar o projeto. Os alunos também não reclamaram. E o *site* anunciou o fim do projeto com o título 'Unaberta não vai retornar no presente semestre'.[6]

> A equipe que tocou o projeto até o último semestre espera ter cumprido seu papel de levar à sociedade, em especial à comunidade universitária, todas as informações sobre a UFSC e educação superior do país, sempre com qualidade, ética, pluralidade e democracia. Afinal, esta é a função social do jornalismo e do jornalista. E o *Unaberta Online*, como projeto de extensão do curso de Jornalismo da UFSC, além de permitir a prática e a complementação da formação dos estudantes, teve o objetivo de contribuir com a democratização da comunicação, em especial da informação sobre o ensino superior, e da divulgação do conhecimento produzido na universidade.

Ficou do Universidade Aberta a sua história, ainda viva na memória dos jornalistas que fizeram parte daquela experiência.

4 AS MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES

"Foi ali que comecei a criar meu espírito crítico." (LAMBRANHO, 2015); "Estava fazendo jornalismo online e experimentando." (LACERDA, 2015); "Os melhores empregos que tive foram com o conhecimento que adquiri no Unaberta." (KLEIN, 2015); "Já saí da universidade tendo feito coberturas. Quando fui trabalhar em jornal isso não era novidade para mim." (MIRANDA, 2015); "A gente estava o tempo inteiro fazendo e pensando no que estava fazendo." (BOSCHI, 2015). Estas frases mostram como o Unaberta foi significativo para a formação dos jornalistas que participaram enquanto estudantes. É possível resumir a importância dele em três pontos: a relação entre professores e alunos num ambiente de produção de um jornalismo real; a possibilidade de fazer

[5] A professora Valci Zuculoto se afastava para cursar doutorado e o professor Eduardo Meditsch assumiria a coordenação da implementação do mestrado em Jornalismo da UFSC.
[6] Disponível em: <http://web.archive.org/web/20070702234043/http://www.unaberta.ufsc.br/noticias/26086>. Acesso em: 14 set. 2015.

experimentação; e a participação em coberturas multimídias.

Lúcio Lambranho participou do projeto no seu início, quando ele ainda era veiculado apenas no rádio. Para o jornalista, a motivação vinha da possibilidade de fazer jornalismo, desde o início do curso, para um público real e acompanhado por professores.

> A gente chegava com um monte de material e a professora Valci[7] perguntava: onde está o lide? O que é o principal? Com o tempo, fomos entendendo como era fazer jornalismo. Sentia-me um repórter. Sabia os problemas do campus, fazia fontes. Era uma mini cidade, onde começava a identificar fontes oficiais e não-oficiais. Às vezes a gente incomodava. (LAMBRANHO, 2015).

Nos relatos, às vezes os professores são descritos como empolgados e incentivadores; outras vezes, como críticos que buscavam rigor na apuração e na veiculação de matérias equilibradas. Como mostram estes depoimentos: "Como professora, eu penso o quanto foi importante ter pessoas[8] assim perto de mim naquela época porque era um incentivo que eles davam. Eles queriam que a gente realmente aprendesse." (MIRANDA, 2015); "Os professores eram rigorosos para checar informação. Teve muito erro e barrigada, mas não foi por falta de cobrança. Mandavam-nos reescrever matérias cinco, dez vezes. Mas, no final, o projeto tinha credibilidade." (KLEIN, 2015); "Eles vestiram a camisa. Passavam muitas horas da vida deles ali dentro ajudando a gente. Ensinando a escrever, corrigindo, revisando. Zeca, Magrinho, Valci, Scotto."[9] (KLEIN, 2015).

A possibilidade de fazer experimentação também foi uma marca do projeto segundo o relato dos egressos do curso, muito por conta da internet. Zé Lacerda tinha cursado dois anos de Engenharia antes de entrar no Jornalismo. Participou do Unaberta na rádio e na televisão até fazer parte da equipe responsável pela internet. Junto a outro estudante, Pedro Valente, construiu a primeira página do *Unaberta Online* em HTML, uma linguagem usada para fazer sites. Como os professores ainda não dominavam a tecnologia, alguns alunos

[7] Professora Valci Zuculoto.
[8] Refere-se à professora Valci Zuculoto e ao professor Eduardo Meditsch.
[9] Refere-se aos professores Maria José Baldessar, Eduardo Meditsch, Valci Zuculoto e Luiz Alberto Scotto. Além dos citados, também participaram do projeto os professores Áureo Moraes e Fernando Crocomo (TV), Neila Bianchin e Clóvis Geyer (gráficos).

acabaram se tornando instrutores dos colegas e dos próprios mestres:

> Quando cheguei com um pouco de *background* de HTML, eu e o Pedro criamos um curso. Nesta época tive o contato com uma sala de aula, como um professor. Fizemos mais de uma turma. Lembro de chegar a ir sábado de manhã à UFSC. O que ensinava, hoje, seria ridículo. Ensinava o *Dreamweaver*, mas também os conceitos de internet. Também tinha que colocar a mão da massa. A gente avaliava outros sites e ensinava macetes. (LACERDA, 2015).

A página do *Unaberta* passou por diferentes fases, mesmo porque o jornalismo online era uma novidade. No início, estudantes adaptavam as matérias feitas para o rádio. Depois, passaram a publicar o arquivo de áudio. Até 2000, a página seguia uma rotina de jornal impresso, atualizada uma vez por dia. Uma parte dos estudantes era repórter e outra editava. A partir dessa época passou a ser atualizada mais de uma vez por dia, até chegar a uma cobertura que se aproximava do tempo real.

> Um dos debates era se deveríamos dar várias notícias ou notícias mais completas. Como era melhor? Era uma discussão que a gente tinha. De repente alguém chegava: as pessoas não ficam o dia inteiro no computador, e a página mudava. Era um debate que hoje é fundamental para o conceito de edição na internet. Depois passamos a verificar qual era o horário de maior audiência. Na UFSC, era logo após o meio dia. Então passamos a apostar nesse horário. (KLEIN, 2015).

As coberturas realizadas no *Unaberta* são descritas pelos jornalistas como momentos de intensa aprendizagem, principalmente durante as greves e eleições. Afinal, tinham que lidar com a pressa do tempo e com um público real em períodos repletos de incertezas e expectativas. Além disso, trabalhavam em mais de uma mídia. Gisiela Klein participou de coberturas como estudante e, depois de formada, como jornalista contratada pelo projeto:

> Foi onde eu aprendi a fazer cobertura multimídia. Cobri as eleições para reitor, vestibular, greve, tudo em tempo real. Aquilo que aprendi errando e fazendo foi o que fiz no *Diário Catarinense*, na *Band*. Cobrir o *Planeta Atlântica*, cobrir eleições. As coberturas que fiz no mercado foi lá [no *Unaberta*] que aprendi. (KLEIN, 2005).

As greves em universidades federais são bastante comuns. Geralmente, nesses períodos sem aulas, os alunos voltam para suas casas e aguardam o

fim de um conflito que é, ao mesmo tempo, político e educacional. Mas os alunos-jornalistas do *Unaberta*, em vez disso, trabalhavam mais neste período e acabavam vivenciando uma experiência pedagógica ímpar. E o projeto ganhava visibilidade, até porque a grande imprensa costumava noticiar as greves quando elas começavam e, depois, apenas quando terminavam. "Lembro que eu via muitas vezes as páginas do *Unaberta* impressas e coladas nos prédios da UFSC para passar informação. Tinha muita pouca informação porque os jornais não cobriam o assunto." (BOSCHI, 2005).

As coberturas eram realizadas de forma intensa no campus da UFSC, em Florianópolis, com reportagens sobre assembleias e sobre as consequências das paralisações. Mas também eram feitas rondas, por telefone, em todas as universidades públicas brasileiras para apurar como estava o movimento. Em diversas ocasiões, alunos-repórteres eram enviados para Brasília, onde as negociações aconteciam. Amanda Miranda teve esta experiência em 2003, na greve contra a reforma da previdência.

> Tinha uma rotina de repórter mesmo, de ir para a Câmara, para o Senado. Usava a sala de imprensa, ia direto ao gabinete dos deputados de Santa Catarina, conversava com outros jornalistas. Foi uma experiência bem intensa. [...] E, neste momento que estive em Brasília, gostei muito. Já acompanhava política e, estar lá dentro dos centros de poder, foi algo muito marcante para mim. Comecei a achar que eu poderia fazer aquilo. Tanto que, quando voltei, tinha plano de me formar e ir trabalhar em Brasília. (MIRANDA, 2005).

As eleições para a Reitoria da UFSC também eram momentos de aprendizado. Já em 1992, no segundo ano do projeto, os estudantes-repórteres cobriram a disputa, ao vivo, para uma rádio local. Mas, na medida em que o projeto foi crescendo, e com a criação das mídias digitais, as coberturas foram se tornando mais complexas. Um exemplo é a eleição de 2003.[10]

Antes da votação, os estudantes-repórteres elaboravam reportagens sobre o perfil dos candidatos e os planos de governo; acompanhavam os problemas, como denúncias feitas no conselho de ética; e faziam reportagem sobre os debates. O próprio projeto realizava eventos. O 'Reitoria em Debate',

[10] Neste link podem ser observadas algumas reportagens realizadas: <https://web.archive.org/web/20031203120750/http:/www.unaberta.ufsc.br/materias.php?id_tipo=7>. Acesso em: 14 set. 2015.

por exemplo, era uma entrevista coletiva feita pelos alunos-repórteres e transmitida ao vivo pela Rádio Ponto UFSC. O conteúdo, então, era editado para o site e o áudio ficava disponível online.

No dia da votação, o *site* anunciou o tamanho da iniciativa.[11] Mais de 70 alunos, incluindo voluntários, participariam da cobertura pela Rádio Ponto UFSC e pelo *Unaberta Online*, realizando uma apuração paralela à oficial. Na hora de fechamento das urnas eletrônicas, os estudantes passariam por cada uma delas e anotariam os resultados, que seriam somados em uma planilha eletrônica. Às 21h44 daquele dia, o projeto dava um furo de reportagem anunciando o resultado da eleição em primeira mão: 'UFSC tem segundo turno'.

Nos cálculos do projeto, Lúcio Botelho, candidato da situação, conquistara 48,53% dos votos; Nildo Ouriques, da oposição, 26,34%. Mais de uma hora depois, a apuração oficial, a cargo do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) de Santa Catarina, confirmava o segundo turno, mas com resultados um pouco diferentes: 49,74% contra 26,35%. Ou seja, por detalhes, o candidato Lúcio teria conquistado mais de 50% dos votos e teria vencido em primeiro turno. Então o *Unaberta* teria dado uma barrigada?

Na verdade, o resultado divulgado pela apuração paralela do *Unaberta* era o correto, e o projeto apontava um erro na apuração oficial do TRE. No dia seguinte, com a manchete[12] 'Erro corresponde a 200 votos' e com o subtítulo 'A Comissão Eleitoral divulgou um resultado oficial errado. O TRE tropeçou nos cálculos e quase elegeu Lúcio no primeiro turno', o projeto explicava o que havia acontecido. O Tribunal havia repartido os votos brancos e nulos entre os candidatos, diferentemente da fórmula da eleição da UFSC definida em seu regimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de jornalistas competentes tecnicamente e com espírito crítico é um desafio em um momento de intensas transformações. Exige diversas abordagens, que envolvem um curso estruturado para desenvolver

[11] Disponível em: <https://web.archive.org/web/20040104094551/http://www.unaberta.ufsc.br/materia.php?id=7987>. Acesso em: 14 set. 2015.
[12] Disponível em: <https://web.archive.org/web/20040112181340/http://www.unaberta.ufsc.br/materia.php?id=8089>. Acesso em: 14 set. 2015.

competências técnicas e científicas, aliadas a uma formação ética e humanista, como apontam as novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Jornalismo.

Mas também podemos buscar algumas pistas de como enfrentar esse desafio olhando para a história das experiências de ensino de Jornalismo, como é o caso do projeto Universidade Aberta. É possível dizer que um dos seus diferenciais foi ter encontrado um nicho, que, na época, era quase inexplorado por outros veículos de mídia: a UFSC e a educação superior brasileira. Essa opção editorial formou um público real que era pouco atendido pela grande imprensa. No relatório Jornalismo pós-industial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 84), os autores apontam que as redações estão ficando cada vez mais especializadas e que a luta é para garantir um nicho nesse ecossistema em transformação. Foi o que fez, em sua época, o Unaberta.

Além disso, podemos dizer que, no caso do Unaberta, as tecnologias, sobretudo as mídias digitais, foram fundamentais para a experiência. Elas possibilitaram que, por um lado, a prática fosse semelhante a das redações profissionais; e, por outro, que estudantes- jornalistas pudessem fazer experiências em novos formatos e linguagens. Antes do advento da internet, os custos eram muito altos e as condições de produção jornalística nas universidades públicas muito mais precárias para isso.

Mas talvez o mais importante tenha sido a motivação de estudantes, professores e jornalistas em torno de um projeto. As discussões sobre pautas, sobre os dilemas éticos e sobre erros e acertos eram realizadas com maior responsabilidade, porque estavam ancoradas em uma experiência concreta. Como mostram os depoimentos dos jornalistas, fazer e pensar sobre o fazer era uma constante no Unaberta. E como dizia Paulo Freire sobre a formação dos professores, "é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática." (FREIRE, 1996, p. 22).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 30-89, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2015.

BALDESSAR, Maria J. Projeto de extensão Universidade Aberta: 11 anos de experimentação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP2BALDESSAR.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2015

BOSCHI, Upiara. **Sobre o projeto Universidade Aberta da UFSC** [abr. 2015]. Entrevistador: Maurício Frighetto. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História:** novas perspectivas. 2.ed. São Paulo: Unesp, 1992.

DONSBACH, Wolfgang. Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. **Journalism**, Londres, v. 15, n. 6, p. 661-677, ago. 2014. Disponível em: <http://jou.sagepub.com/content/15/6/661.full.pdf+html>. Acesso em: 8 mar. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGHETTO, Maurício; MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Universidade Aberta: cada vez mais a UFSC e o ensino superior são notícias. **Extensio:** Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 3-8, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/5439/4855>. Acesso em: 8 mar. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KLEIN, Gisiela. **Sobre o projeto Universidade Aberta da UFSC** [mar. 2015]. Entrevistador: Maurício Frighetto. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

LACERDA, José. **Sobre o projeto Universidade Aberta da UFSC** [mar. 2015]. Entrevistador: Maurício Frighetto. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

LAMBRANHO, Lúcio. **Sobre o projeto Universidade Aberta da UFSC** [mar. 2015]. Entrevistador: Maurício Frighetto. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MEDITSCH, Eduardo. A questão da prática de Paulo Freire e o projeto Universidade Aberta do curso de Jornalismo da UFSC. In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; SILVA, Robson Bastos da (Orgs.). **Retrato do ensino de Comunicação no Brasil.** São Paulo: Intercom; Taubaté: Unitau, 2003.

_____. Elementos para uma história do Projeto Pedagógico do curso de Jornalismo da UFSC. In: FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 5., 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: FABICO/UFRGS, 2002.

_____. **O conhecimento do jornalismo:** o elo perdido no ensino da comunicação. 1990, 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

MIRANDA, Amanda. **Sobre o projeto Universidade Aberta da UFSC** [mar. 2015]. Entrevistador: Maurício Frighetto. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

PEREIRA, Moacir. **A comunicação em Santa Catarina.** Ensino, profissão e modernização. Florianópolis: Insular, 2012.

SANTOS, Fernando de Maria dos. **Prática e aprendizado**: a importância da Agência Universitária de Notícias como jornal-laboratório. 2007, 316 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer et al. A história do radiojornalismo na UFSC: proposta de linha do tempo para conduzir a pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro preto. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Rede Alcar, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/a-historia-do-radiojornalismo-na-ufsc-proposta-de-linha-do-tempo-para-conduzir-a-pesquisa>. Acesso em: 8 mar. 2015.